

## PATRIMÔNIO RURAL: UM ESTUDO DE CASO NO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS

MAURÍCIO ANDRÉ MASCHKE PINHEIRO<sup>1</sup>; JOSÉ PAULO SIEFERT BRAHM<sup>2</sup>;  
DIEGO LEMOS RIBEIRO<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – mauriciopinheiro685@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – josepaulobrahm@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o patrimônio rural, tendo como referência o Museu Gruppelli e o cenário circundante. O Museu está localizado no sétimo distrito de Pelotas, no que se denomina Colônia Municipal, e foi criado por uma vontade de memória da comunidade local, que resultou na coleta dos primeiros objetos por volta de 1990, momento em que se inicia a criação do Museu. Aberto ao público em 1998, o Museu traduz uma determinada musealidade/patrimonialidade da população local sobre a cultura material.

A motivação para a realização deste trabalho vem da participação do primeiro autor no “Projeto de extensão revitalização do Museu Gruppelli”, em que atua desde 2015. Durante este período foram realizadas muitas atividades no escopo do projeto, dentre elas a mediação para grupos, reorganização da documentação museológica, montagem de exposições temporárias, dentre outras ações extensionistas.

O primeiro autor desse trabalho utilizou vários objetos expostos no Museu em seu cotidiano e, como resultado dessa experiência, motivou-se a investigar os processos de musealização de coleções que representam as memórias de quem vive na zona rural. Assim, como muitos visitantes, compartilha-se de uma memória viva sobre esses referenciais de patrimônio. Durante a participação no projeto de extensão, diversas perguntas foram se desvelando, tais como: de que modo as pessoas enxergam esse patrimônio? Quais seriam os referenciais de patrimônio para os transeuntes? Quais elementos devem ser preservados, no contexto rural, para os moradores locais?

Este estudo busca, então, refletir sobre a percepção que as pessoas têm do local em que se situa o Museu Gruppelli, caracterizado pela ruralidade. A investigação traduz três dimensões do patrimônio: o discurso do museu, o público visitante e os moradores locais, dentro de uma perspectiva patrimonial. Compreendemos que para traçarmos um paralelo sobre o que seria patrimônio rural, faz-se importante abarcar visões não necessariamente consonantes, contrastando o olhar teórico da academia com as experiências de quem vive ou se relaciona com as atividades e costumes vivenciados no campo.

Desdobra-se deste fio condutor, reflexões que podem contribuir para uma melhor compreensão sobre a categoria de patrimônio rural, a partir das suas múltiplas percepções e apropriações. Do mesmo modo, colabora para o conhecimento sobre o papel que o Museu desempenha para mobilizar o patrimônio rural, de modo a qualificar suas ações extensionistas, sobretudo as formas de inventariar, salvaguardar e comunicar essas referências.

A bibliografia compilada para este estudo alude a um conceito ainda em construção; contudo, é possível perceber que parte dos autores ainda

compreende o patrimônio rural desde sua dimensão material e/ou nobiliária, como é o caso da ruralidade paulista (CHIVA, 1994; CARVALHO, 2006). Nesse sentido, pretende-se com este estudo contribuir para a ampliação e amadurecimento do conceito de patrimônio rural, tendo como referencial a perspectiva dos sujeitos que vivem e se apropriam dos patrimônios. No mesmo compasso, intenta-se que os resultados do estudo sejam refletidos nas formas de comunicação do museu com a sociedade.

## 2. METODOLOGIA

Para investigarmos o patrimônio rural na região, fizemos uso da pesquisa exploratória, utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas, em três dimensões, a saber: público do Museu, moradores locais e Universidade. De acordo com GIL (2014), a pesquisa exploratória visa a maior aproximação e familiaridade com o problema, de sorte a compreender com maior clareza determinado fenômeno. Para os fins propostos, abarcaram-se como instrumentos a revisão bibliográfica, entrevistas e análise dos dados coletados.

Em um primeiro momento, investigamos como o público que visita o Museu se relaciona com a localidade. Para tal, preferimos dialogar com as pessoas que visitam o Museu Gruppelli, uma vez que essas pessoas têm dupla visão sobre o patrimônio: 1. uma visão formalizada sobre o que é patrimônio, a partir de sua visita à instituição, e 2. uma visão mais livre, considerando toda a experiência vivida no local. O público foi selecionado de forma aleatória e foram realizadas entrevistas semi-estruturadas.

Em um segundo momento, entrevistamos os moradores locais. Para os fins desta pesquisa, dedicamo-nos a compreender a visão de dois interlocutores-chave: Ricardo Gruppelli (proprietário do sítio onde está o Museu Gruppelli) e Margareth Vieira, filha de Neiva Vieira (protagonistas do movimento de criação do Museu). Eles foram ouvidos de modo a oferecer um olhar de quem vivenciou as diferentes fases do espaço, e por terem proximidade com a rotina diária da localidade.

Em último momento, entrevistamos representantes da Universidade, que desenvolvem projetos de extensão na zona rural: Fábio Cerqueira (professor que foi o primeiro pesquisador sobre o assunto na colônia) e Diego Ribeiro (professor que coordena o projeto de extensão do Museu Gruppelli desde o ano de 2008).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando as três dimensões do estudo - público, fundadores e universidade - buscaremos responder de forma sumariada algumas perguntas lançadas para essa pesquisa. A primeira delas seria: será que o público, os fundadores do Museu e universidade compartilham da mesma ideia sobre o que deve ser preservado?

Nas três dimensões do patrimônio vimos que as características que devem ser preservadas do sítio se alinham. Foram citados como referenciais do patrimônio: Museu, gastronomia, arroio, saber-fazer local, a arquitetura, os produtos e os modos de vida do morador local. Compreendemos que esses elementos estão interligados entre si, no mesmo espaço territorial, criando nexos entre a natureza, os modos de vida e o lazer. Importa sinalizar que é na paisagem que se encontram os produtos, em que são utilizadas ferramentas e objetos que

estão expostos no Museu, de onde saem os alimentos para o restaurante, dentre outras associações possíveis.

A segunda questão seria: o que essas três dimensões pesquisadas (público, fundadores do Museu e universidade) consideram patrimônio rural e o que seria importante salvaguardar na região? Aqui, verificamos que o público considerou o patrimônio como uma totalidade, sem fragmentá-lo. De maneira geral, para o público, o patrimônio rural compreende o Museu, o armazém, o restaurante e o arroio, por exemplo. Compreende-se, portanto, que para o público o patrimônio rural é uma experiência que entrelaça todos esses elementos juntos.

Para os fundadores do Museu que está estabelecido como patrimônio é um pouco diferente em relação às ideias dos entrevistados. Para Margareth Vieira, todas as características que a localidade possui devem ser preservadas, principalmente os modos de vida do trabalhador rural e a estreita relação desses modos com a natureza. Já Ricardo Gruppelli observa um patrimônio mais distribuído em bens, faz uma separação, como o prédio histórico do Museu, a gastronomia, pomares, cemitério e produção agrícola. Ricardo busca a definição a partir de lugares mais frequentados pelo público, que possuem mais valor histórico, lugares que têm uma memória coletiva acorada.

Os representantes da Universidade buscam, de certa forma, a experiência também como um conjunto de fatores. Diego Ribeiro nos traz o destaque de que o povo que vive na localidade denomina e seleciona o patrimônio antes da inserção do projeto de extensão, cabendo ao Museu mobilizar estes bens. Destaca também que o patrimônio rural está no modo de viver, se comunicar, trabalhar e produzir, por exemplo. Mas considera que o patrimônio rural está em todos os elementos juntos, entrelaçados. Para Fábio Cerqueira, há uma separação entre material (arquitetura, moinhos, salões de baile, fábricas) e imaterial (vinho, produção de pêssego e doces, saber-fazer local, culinária). Podemos até diferenciar o que é patrimônio rural entre os entrevistados, mas vemos que isso se completa: o vinho pode ser feito na adega, o baile acontecido no Restaurante Gruppelli, o doce vendido no armazém entre outros. Sinalizando desse modo, que esse patrimônio se encontra nos modos de vida e no saber-fazer local.

A partir destas percepções, é possível considerar e conceituar o patrimônio rural como sendo o conjunto de bens e atividades de caráter material e imaterial, o qual reflete os modos de vida do morador rural que se encontram estabelecidos de maneira entrelaçada com a natureza.

#### 4. CONCLUSÕES

Durante esse estudo, que se desdobra a partir de um projeto de extensão, observamos alguns pontos a serem destacados como, por exemplo, a menção dos termos tradição, costumes, modo de vida e trabalho rural. Esses termos ou conceitos foram de grande valia para conseguirmos identificar as características da região. Para essa identificação, que colaborará com as futuras ações extensionistas, traçamos um paralelo entre patrimônio e sua trajetória e conseguimos ver o que seria patrimônio aqui no Brasil. Nesse ponto, vimos a importância de preservar no contexto do Museu o patrimônio imaterial e material, em conjunto, e não focar essas dimensões do patrimônio em contraste.

Sobre o que seria patrimônio rural, inferimos que as ruralidades são as características das formas como se vive o mundo rural, ou seja: o rural é o local e

as ruralidades são os modos de vida (como desenvolvem suas práticas culturais – desde o vestir, falar, comer, trabalhar, se relacionar afetivamente, entre centenas de outras) das pessoas que moram nessas localidades no meio. A partir de entrevistas com três públicos distintos foi possível perceber o olhar em relação ao patrimônio rural e a função que esse patrimônio estabelece com cada sujeito.

Para a realização dessa pesquisa tivemos que adaptar o trabalho devido a pandemia de Covid-19. Inicialmente gostaríamos de entrevistar mais pessoas pela visão do patrimônio rural pelo público, de forma presencial, dentro do cenário do estudo de caso dessa pesquisa, a Casa Gruppelli. Porém, devido ao avanço da pandemia isso não foi possível.

Acreditamos que os sujeitos inseridos no próprio sítio conseguiriam responder ainda mais objetivamente o que era importante de ser preservado, bem como as características da localidade que podem ser considerados patrimônio rural pelo público.

Nas visões dos fundadores e da academia esse efeito da pandemia na pesquisa foi menor, pois estes estão mais inseridos no espaço tanto por pesquisarem sobre a localidade ou mesmo por morarem no local, como é o caso de Ricardo Gruppelli.

Com essa pesquisa trouxemos resultados para o objetivo de identificar o que seria esse patrimônio rural partindo de um prisma multivocal, o que instigou que novas dúvidas surgissem. Como mencionado anteriormente as ruralidades dependem do contexto da localidade que for analisada, cada região tem suas características únicas de viver, trabalhar e produzir.

Para uma continuação dessa pesquisa no futuro podemos investigar essa ruralidade colonial da região do sétimo distrito de Pelotas, podemos também, investigar essa ruralidade em outras regiões como é o caso da Vila Maciel, distrito próximo a Casa Gruppelli. Nessa parte além de colaborarmos com o desenvolvimento da pesquisa no local estudado, expandiríamos nossos estudos para outras localidades contribuindo ainda mais na investigação do conceito de patrimônio rural e das ruralidades características da região colonial de Pelotas.

O tema do patrimônio rural está em desenvolvimento no Brasil. Esperamos que esse trabalho seja parte contribuinte para o crescimento da noção de patrimônio rural em nosso país, bem como também, possa auxiliar outros pesquisadores que discutem em seus estudos a categoria aqui explorada.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, P. A AIBT do Pinhal Interior e as Aldeias do Xisto: novos caminhos para o desenvolvimento de territórios de baixa densidade em ambientes de montanha. **Cadernos de Geografia**, Coimbra, Departamento de Geografia (Universidade de Coimbra) e Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, n. 28/29, 2009/2010. p. 185-191.

CHIVA, I. Une Politique Pour Le Patrimoine Culturel Rural. **L'école des Hautes Etudes en Sciences Sociales**, Paris [France] v. 2, n. 13, p. 3, 1994.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.